

CAMPELO

ANO IV (II Série) — N.º 37
MAIO DE 1973

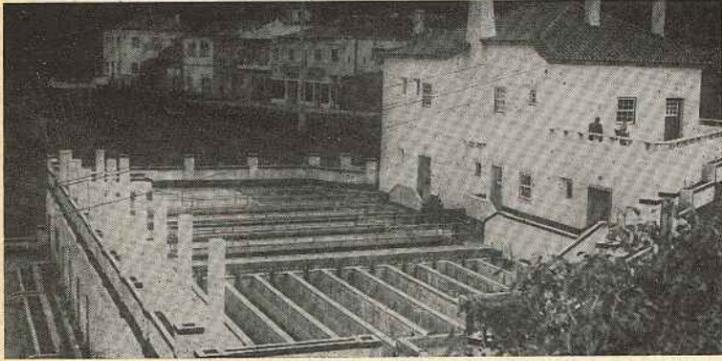
Director: P.º MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal
(AVENÇA)

Redacção e Administração:
CAMPELO (Figueiró dos Vinhos)

Telefone 44483
(Castanheira de Pêra)

Edição, Composição e Impressão
«Gráfica de Coimbra»



MARIA, RAINHA

A 31 de Maio celebra liturgicamente a Igreja a Realeza de Maria. De facto, Maria é Rainha, por direito e por mérito. Por direito, porque é a Mãe do Rei Eterno e Universal, Cristo, Senhor Nosso.

Por mérito, porque é a mais excelsa de todas as criaturas, e porque, nascendo todos nós escravos do pecado, só Ela foi concebida, e nasceu, livre, isenta, imaculada.

Por isso, S. João, o Discípulo que Lhe foi dado por filho, em representação de nós todos, A viu, em espírito, coroada de doze estrelas e vestida de sol: de coroa e manto real.

Por isso, a Igreja Lhe chama Rainha dos Anjos e dos Santos, Rainha do Céu e da Terra, Rainha do Mundo.

É próprio da rainha o poder e a clemência. E Maria tem tanto poder, que é a Omnipotente Suplicante; e tanta clemência, que é a Mãe de Misericórdia.

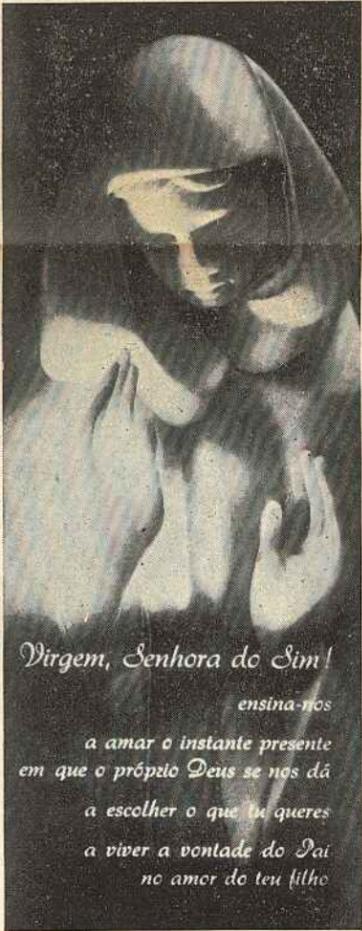
Quando o povo Lhe canta:
— Tu podes, és Mãe de Deus;
Tu queres, és nossa Mãe —
outra coisa não vem a significar, senão essas duas qualidades de Maria: o poder que não tem obstáculos, e a clemência que não tem deficiências.

Foi esse poder, que Ela mostrou, quando, em Fátima, fez rodopiar o Sol, como se fosse um brinquedo. Foi essa clemência, que levou o Igreja a chamar-Lhe Mãe de Misericórdia, Vida, Doçura, Esperança. E Refúgio dos Pecadores. E Consoladora dos Aflitos. E tantos outros títulos semelhantes.

É, pois, com inabalável confiança que A invocamos a toda a hora, que Lhe pedimos volta a nós os Seus olhos misericordiosos, que procuramos refúgio no Seu Coração Imaculado.

E é com secreto júbilo, e é com íntimo gozo, que Lhe rezamos: Salve, Rainha! Mãe de Misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve!... ó clemente, ó piedosa, ó doce, Sempre Virgem Maria!

ABEL GUERRA



Virgem, Senhora do Sin!
ensina-nos
a amar o instante presente
em que o próprio Deus se nos dá
a escolher o que tu queres
a viver a vontade do Pai
no amor do teu filho

Pesca Desportiva em Campelo

Como é do conhecimento geral está em franca actividade o viveiro de trutas instalado em Campelo. Muitas centenas de milhar de trutas aqui já se criaram e foram povoar os rios e ribeiros de Portugal.

A Ribeira de Alge, já por diversas vezes beneficiada, conta desde há pouco com mais 1.500 exemplares, que dentro de pouco tempo farão as delícias dos pescadores desportivos que todos os anos aqui se deslocam em grande número.

Segundo informações que colhemos, a época de pesca em curso tem dado boa colheita a muitos pescadores. Logo no 1.º dia da abertura — 17-3-73 — o sr. dr. Seabra Cancela, de Lisboa, atingiu o máximo permitido — 30 boas trutas. O sr. Manuel Rosa Rodrigues, da Lousã, também não ficou atrás no dia 24 de Março.

Boa pesca têm feito também os srs. Joaquim Freitas Simões, José da Conceição Relvas, João de Sousa Rocha, Vítor Loja Rodrigues, José dos Santos, José Martins dos Santos, João Moraes Rosa, etc., etc..

Que nos desculpem tantos outros afamados pescadores, mas não podemos mencionar aqui todos, pois o jornal é pequeno e por isso corríamos o risco de não ter espaço para mais nada.

Publicamos aqui o regulamento de pesca nesta Concessão da Câmara de Figueiró dos Vinhos.

E até Julho ainda podem vir até aqui pescar, se conseguirem licença...

REGULAMENTO DA CONCESSÃO DE PESCA DESPORTIVA DA RIBEIRA DE ALGE

(Redacção aprovada pela Secção Aquícola do Conselho Técnico dos Serviços Florestais, em 16 de Fevereiro de 1961)

N.º 1.º — A Concessão da Ribeira de Alge destina-se exclusivamente à pesca desportiva com isca artificial, não sendo concedida essa licença a quem tenha transaccionado peixe pescado na concessão.

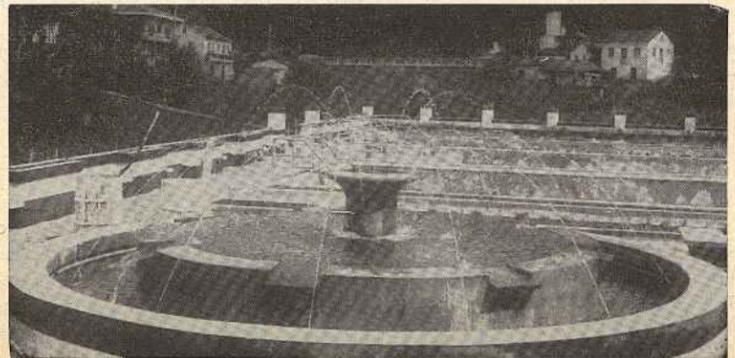
§ único — A Câmara Municipal poderá no caso de existir na área da concessão excesso de enguias ou ciprinídeos, autorizar na sua pesca a isca natural.

N.º 2.º — A nenhum pescador será concedida autorização para utilizar a reserva sem exhibir, previamente, a licença de pesca em vigor no País.

§ único — O custo da licença diária para pescar na concessão será fixado pelo concessionário até ao limite máximo de trinta escudos.

N.º 3.º — De harmonia com a densidade populacional piscícola da reserva,

N.º 4.º — Sendo um dos objectivos da Câmara, ao assumir os pesados encargos da reserva, fomentar o turismo da região, têm preferência na utilização da mesma os pescadores de fora do concelho, para os quais poderão ser reservados dois terços do



e para evitar a sua exagerada aniquilação, a Câmara poderá limitar o número de licenças diárias até ao mínimo de duas, podendo fazer acompanhar os pescadores durante o tempo de pesca por um dos guardas privados da concessão, ou, na sua impossibilidade, pela pessoa por ela indicada.

número de licenças diárias disponíveis.

N.º 5.º — Não é permitido pescar trutas com menos de vinte centímetros de comprimento, medidas da extremidade da cabeça à da cauda.

(Continua na pág. 2)

CANTO DA MINHA TERRA

Obrigado Sr. Presidente

«Já lá vai o tempo em que uma pequena minoria podia viver feliz à custa da miséria das grandes massas. Já ninguém se sujeita a uma situação dessas, e temos de aprender a aceitar a ideia de que o nosso vizinho também tem direito a ser feliz, se nós próprios queremos ser felizes... Um mundo de seres compenetrados de que os seus interesses comuns excedem os interesses de competição, empenhados na efectivação das possibilidades realmente extraordinárias que a inteligência e imaginação humanas podem tornar realidade. ESSE MUNDO PODE EXISTIR, se os homens quiserem. E quando existisse alguma vez chegou esse dia — será um mundo muito mais maravilhoso, mais feliz, mais rico em imaginação e alegrias do que qualquer outro jamais conhecido»

Bertrande Russell

Mesmo aos mais desprevenidos se lhes depara um saudável afluxo de desenvolvimento e evolução em todos os sectores do nosso país. Não só nos grandes centros, como nos rurais, o «modus vivendi» progride económica e socialmente. Na prática, outras perspectivas parecem surgir ao rural para um futuro mais construtivo e seguro. Até aqui esses aglomerados escondiam-se, esquecidos, aparentemente, pelos vales, sobrevivendo à fatalidade dos seus recursos naturais. A paisagem geográfica era quase a sua única riqueza e mesmo esta mal aproveitada.

Hoje o trabalhador dos campos dislumbra já a tão esperada base de segurança, através de melhores condições médico-sociais, económicas e culturais. Quem deriva dessas pitorescas localidades encarou, com certeza, todos os problemas de agregação! De solo pobre, de água quase impotável, a radicação tornava-se difícil.

Parece-nos que através de uma promoção e acção, mais fecundas, de outros processos mentalizadores e progressivos de saneamento, vêm-se construindo melhores condições de vida. Embora algumas aldeias desapareçam por circunstâncias várias, outras radicar-se-ão mais, a par dos concelhos mães, perante inteligentes e esclarecidas jurisdições municipalizadas.

A propósito, há pouco tempo encontrei e falei com o actual Presidente da Câmara do nosso concelho. Para além de mim, outros que me acompa-

(Continua na pág. 2)

DE NOVO AS «MISSSES»...

De novo o país se viu afrontado com o deprimente espectáculo das amostras de «misses», à maneira de requintada feira de carne de mulher. O comércio a que, talvez inconscientemente, as «misses» se prestam, é um ultrage à dignidade feminina e à consciência honesta e cristã da Nação. Só admira que haja autoridades ligadas a iniciativas como esta e gente de bem que as aceite complacentemente.

Pior que a realização ocasional dos concursos de beleza é a habituação da socie-

dade ao clima degradante que os torna possíveis. Eles são, de facto, apenas uma expressão da sensualidade que uns exploram sistematicamente por fraqueza da carne, outros por interesse económico, e outros até por estratégia política.

O que há de novo é trazê-la para a praça pública alçá-la aos escapates dos quiosques e livrarias, mostrá-la em espectáculos e programas, celebrá-la em festas e concursos, passá-la aos domínios dos costumes.

Noticiário

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS CAMPO DE TIRO

No próximo dia 3 de Junho, com a presença do sr. Governador Civil de Leiria, será inaugurado o Campo de Tiro desta Vila. Construído a sul do Cabeço do Peão, o campo está equipado com modernos maquinismos e dispõe dum edifício próprio destinado à organização, sala de chá e restaurante, aposentos para um guarda, etc..

POR CAMPELO

Está em curso a reparação da nossa Igreja Paroquial.

Agora chegou a vez de descascar as paredes exteriores e revesti-las com reboco de cimento e esboço. Se tivéssemos dinheiro empreitávamos já a reparação das madeiras e respectiva pintura. Como ainda nem sequer chega para pagar o que está empreitado, aguardamos a generosidade e bairrismo dos nossos conterrâneos. Por fora, fica a parecer outra.

O largo é que precisa de grandes obras. Confiamos no sr. Presidente da Câmara. As medidas já foram tiradas e esperamos que o sr. José Simões Abreu, logo que possa, mande proceder à reparação.

PELO FONTÃO FUNDEIRO

Acaba de ser nomeado sub-director da Escola de Magistério de Aveiro o nosso distinto conterrâneo sr. Professor José Lucas Simões Pedro, filho dos srs. Joaquim Simões Pedro e da sr.ª D. Isolinda Lucas. As nossas felicitações.

— No dia 1 de Maio foi baptizado na nossa Igreja o menino Paulo José, filho dos srs. José Costa dos Santos e D. Fernanda Brás dos Santos, residentes em Camarate.

Ao pequeno filho da Igreja, seus Pais e Padrinhos desejamos as bênçãos de Deus.

POR LISBOA

No dia 18 de Março baptizou-se, na Igreja de Sacavém Elsa Cristina dos Santos Ladeira Henriques, filha do sr. Fernando Dias Henriques e da sr.ª D. Maria Helena dos Santos Ladeira Henriques. Foram padrinhos o sr. Manuel Dias Henriques e a sr.ª Maria dos Anjos da Silva Ladeira.

— No dia 1 de Abril, Paulo Jorge dos Santos Rodrigues, filho do sr. João Abreu Rodrigues e da sr.ª D. Tília dos Santos Ladeira Rodrigues, recebeu o baptismo na Igreja de Carnide. Foram padrinhos o sr. Agostinho de Abreu Rodrigues e a menina Mariett dos Santos Ladeira.

— Aos neófitos, seus Pais e Padrinhos deseja o «Noticias de Campelo» muitas felicidades.

PELA RIBEIRA VELHA

No dia 28 de Abril casaram, na Capela deste lugar, os srs. Francisco Rodrigues Garcia e a menina Maria Otília de Jesus Rodrigues. A noiva é filha dos srs. Casimiro Rodrigues e D. Umbelina de Jesus.

Foram Padrinhos do noivo os srs. Francisco Rodrigues e D. Maria Assunção de Carvalho, e da noiva os srs. Antero Pereira Henriques e sua Esposa.

Parabéns e votos de felicidades. — No dia 29 de Abril foi baptizada a menina Irene Maria, filha dos srs. Francim Alves Nicolau e D. Maria Manuela de Jesus Carvalho Nicolau.

Felicidades.

POR VILAS DE PEDRO

No Domingo da Paçoela — dia 29 de Abril — os srs. Manuel dos

Santos Ferreira, José Dias Henriques, Armando de Jesus Antunes e Amândio de Jesus Agria, mordomos da Festa de Nossa Sr.ª do Pranto, levaram a efeito a festividade desta povoação.

O tempo não ajudou o esforço dispendido e assim o brilho da festa esfumou-se um tanto, como já havia sucedido no ano anterior.

No entanto o programa bastante rico não deixou de se cumprir, pelo menos no que diz respeito à presença dos actuaes.

Mordomos para o próximo ano: Os srs. Albano Simões Silva, Casas Velhas; Manuel Francisco Antunes, Castelo; David Mendes, Belém; José Barata Salgueiro, Barreiro.

PELA SERRADA

No dia 5 de Maio faleceu neste lugar o sr. Joaquim Simões Quintas, de 71 anos de idade, casado com a sr.ª D. Graciosa Santos Quintas.

À viúva e seus filhos sr. José dos Santos Quintas, casado com a sr.ª D. Maria Pereira Quintas, e sr.ª D. Celeste dos Santos Quintas, casada com o sr. José da Costa Silva, residentes em Lisboa, os nossos pêsames.

★

À atenção dos nossos Amigos
Pedimos aos três ou quatro senhores que ainda não entregaram o dinheiro que prometeram para as obras da Igreja, o favor de no-lo enviar urgentemente. Entrou nas contas da Igreja e agora precisamos dele para pagar ao empreiteiro. Obrigado e desculpem...



Ria...
se
quiser

NO CONSULTÓRIO

— Não gosto nada do fígado — diz o doutor.

— Eu também não — responde o doente — Prefiro um bife com batatas.

ADIVINHA

Nasci verde.
Depois fui acastanhado.
Vestiram-me de branco
Epouco a pouco morri queimado.

N. B. — Solução da anterior:
Cabo S. Vicente.

CANTO DA MINHA TERRA

(Continuado da pág. 1)

nhavam, ficámos extremamente admirados e sensibilizados com a vivacidade deste. Diria mesmo que possui em si o raro amor à causa pelos rumos futuros do velho concelho.

Imparcial, desinteressadamente, o actual Presidente pareceu-nos cuidar, com inteligência, conhecimento e vontade de progressiva realização em prol das necessidades primárias, no conjunto, para bem de cada habitante.

Em hora boa, tomou posse do cargo. Porque, como homem de acção, o concelho precisa de si.

Crente neste Bertrand Russel, ele que foca a humanidade globalmente, inspiro-me nestas suas concepções e deduzo a minha lição pessoal:

Também um mundo mais feliz, mais alegre, mais confortável parece advir ao homem rural — Melhores vias, energia eléctrica, águas potáveis, escolas, melhores salários, serviços assistenciais, etc.! — Eis, se algum dia, realmente, estes interesses comuns, aliás de acordo com a época e necessidades racionais de cada um, se satisfizessem a todos, o homem da aldeia sentir-se-ia efectivamente a ser feliz como o da vizinha cidade ou vila, porque deixaria de ingloriamente competir, mas como a razão lhe manda, seria felizmente igual.

J. A. LOPES,

Pesca Desportiva em Campelo

(Continuado da pág. 1)

com cada autorização de pesca uma bitola própria para medição de trutas, a qual será paga pelo interessado juntamente com a licença de pesca.

§ 1.º — A Câmara poderá fornecer
§ 2.º — O pescador deverá devolver à água, acto contínuo e quaisquer que sejam os seus ferimentos, toda a truta que não tenha as medidas acima referidas.

N.º 6.º — Nenhuma pessoa, depois de devidamente autorizada a pescar na reserva, poderá capturar e guardar em cada dia de pesca mais do que trinta trutas.

§ único — Assim que for atingido aquele limite, o pescador deverá suspender imediatamente a sua actividade.

N.º 7.º — As licenças de pesca para utilizar a reserva são pessoais e intransmissíveis, caducando se não forem utilizadas pelo próprio, no dia a que disserem respeito, não podendo passar-se licenças por época.

N.º 8.º — A Câmara reserva-se o direito de não passar licença a qualquer pessoa que se recuse a cumprir o estatuído no presente Regulamento, ou não acate as determinações do guarda ou de quem o substituir.

N.º 9.º — Fica desde já o Presidente da Câmara com os necessários poderes para dar execução a este Regulamento, podendo, dentro das datas legalmente determinadas para abertura e encerramento da época da pesca, fixar aquelas que julgue mais convenientes à defesa da população piscícola da reserva e bem assim tomar quaisquer outras providências que não contrariem este Regulamento.

Mais donativos para a Igreja

Entregaram novas quantias para a reparação da Igreja de Campelo os seguintes srs.:

200\$00 — (2.ª oferta), do sr. Sérgio Ladeira Dias, Torres Vedras.

100\$00 — (2.ª oferta), do sr. Casimiro da Silva Vinhas, Vilas de Pedro.

100\$00 — do sr. Carlos Martins dos Reis Laras, Castanheira de Pêra.

Fazemos de novo apelo aos nossos conterrâneos e amigos para que nos enviem suas ofertas para a dita reparação. A Igreja precisa de muito dinheiro ainda para ultimar as obras em curso e proceder à pintura das madeiras e Altares.

Cortejo de Oferendas a favor do Hospital da Misericórdia

1 — Embora o CORTEJO DE OFERENDAS a favor do Hospital desta Vila tivesse tido lugar no dia 17 de Dezembro de 1972, a verdade é que continuam a afluir generosos donativos à Santa Casa da Misericórdia com destino ao «fundo» do Cortejo; por outro lado, a venda de alguns dos géneros ofertados foi necessariamente morosa e difícil, o que mais retardou o apuramento final. Daí que só agora se publiquem as respectivas contas, o que se faz pela forma seguinte:

Ofertas em dinheiro	257 661\$10	
Produto da venda de géneros oferecidos	66 060\$50	
Recibos entregues por quitação de débitos antigos do Hospital	5.522\$20	
Valor de produtos entregues no Hospital, para imediato consumo ou uso	12 367\$00	
Valor de roupas e outros objectos em armazém, no Hospital, para oportuno consumo e utilização	17 490\$00	
Despesa com impressos do Cortejo		2.315\$00
Despesa com expediente (selos, etc.)		2.804\$00
Desp. com merenda às Filarmón. e Bombeiros		958\$00
	360 100\$80	6.077\$00
SALDO POSITIVO DO CORTEJO		354 023\$80

2 — Como se verifica pelo resultado acima, o Cortejo rendeu 354 023\$80, líquido de despesas, sendo 323 721\$60 em dinheiro e o resto em géneros utilizados no Hospital. Este resultado excedeu largamente as mais optimistas previsões da Mesa e da Comissão Executiva, e muito contribuiu para o saneamento das finanças da Misericórdia, manifestamente deficitárias, permitindo-nos desde logo arrumar vultuosos encargos assumidos e, com prudente administração, encarar a gerência do corrente ano com maior desafogo.

Mas não se pense, no entanto, que o Hospital pode encarar o futuro sem apreensões, já que a despesa corrente com a sua manutenção é muito superior às receitas normais, pelo que as gerências apresentarão sempre considerável défice, a solver com receitas extraordinárias.

Acresce que o Hospital, não obstante as beneficiações que ultimamente recebeu, está ainda carecido de urgentes obras de conservação e beneficiação, orçadas em cerca de 300 contos, e que só em parte serão comparticipadas.

3 — Dadas estas explicações, para que todos bem possam saber qual foi e virá a ser a aplicação das suas generosas ofertas, cumpre-nos agradecer publicamente a todos quantos contribuíram para o retumbante êxito do nosso Cortejo de Oferendas a sua meritória colaboração, sem a qual, de modo algum, ele poderia ter atingido o brilho, o colorido, o entusiasmo e, sobretudo, o resultado que a final alcançou, e que por certo a todos surpreendeu agradavelmente.

À todos, portanto, o MUITO BEM HAJA da

Mesa da Santa Casa da Misericórdia,

aa) Henrique Vaz Lacerda, Hermenegildo Quaresma Ferreira, José Guerreiro Machado, Fernando Lopes Mendes, Joaquim Leitão Mendes, Manuel Domingues, Jaime Rosa Arinto.

Figueiró dos Vinhos — Abril de 1973.

A vida do Jornal

Pagaram as suas assinaturas generosamente os seguintes senhores:

Com 100\$00 — (2 anos) os srs. Marcolino Alves Lourenço, Lisboa e Joaquim da Silva Lourenço, Santarém.

Com 60\$00 — (2 anos) o sr. Manuel dos Santos Ferreira, Casas Velhas.

Com 50\$00 — Os srs. Álvaro Maria Marques, Lisboa; Casimiro Tavares de Campos, Coimbra; José Simões dos Santos, Lisboa; Sérgio Ladeira Dias, Torres Vedras e Armando de Jesus Antunes, Lisboa.

Com 40\$00 — Os srs. José da Silva Lucas, Buarcos; Manuel da Silva Pereira, Lisboa.

Com 30\$00 — Os srs. Porfírio Lourenço Alves, Lisboa; Bento Ferraz Monteiro, Odivelas; Joaquim dos Santos Mendes, Vale do Vicente, Vasco Pereira Simões, Pé do Ingote, Júlio Ferreira Lourenço, Lisboa; Manuel da Piedade Martins, Lisboa e Fernando Dias Henriques, Sacavém.

Com 25\$00 — Os srs. João Ferreira Lourenço, Campelo, Vítor Ma-

nuel Loja Rodrigues, Coimbra e Álvaro Pereira Mendes, Alge.

Com 20\$00 — Os srs. Olinda Pereira, Trespostos; Manuel Henriques dos Santos (Estudador), Campelo; Joaquim Alves Varandas, Alge; António Nunes Martins, Pé de Janeiro; Sérgio Lopes Martins, Castelo; António dos Santos Costa, Fontão Fundeiro; Manuel Simões Silva, Vale do Vicente; Joaquim Henriques dos Santos, Pousia; Maria de Fátima Abreu Santos, Casas Velhas e Armando Simões Costa, Portela.

—★—

Também entregaram a quantia mínima para pagamento de suas assinaturas os seguintes senhores:

José da Silva Novo, Fontão Fundeiro; Manuel Henriques Pedro, Lameiras; Camilo Jesus Rodrigues, Alge; Fernando da Piedade Júlio, Lisboa; Maria Mercedes Henriques da Silva Sousa, Barreiro; Abílio Simões Pereira (55\$00 — Brasil), António Dinis, Singral; Viúva de Joaquim Henriques, Fontão Fundeiro e João Tomás de Oliveira, Alverca do Ribatejo (2 anos).



DOIS DEDOS DE CAVACO...

— Ora viva o senhor Torcato!... então como passou a Páscoa?

— Olha, João, julgo que a passei como cristão: Alma lavada, meditando o grande Mistério, reconhecido a Deus por nos ter salvo e triste por ver que a novidade da Ressurreição ainda não chegou a toda a gente. Então que novidades trazes hoje?

— As novidades são poucas, mas, estou a sentir necessidade deste encontro. O senhor Torcato é uma pessoa cheia de experiência e eu sou uma rapaz novo; por isso alguma coisa hei-de aprender, porque o senhor Torcato nunca manda pobre sem esmola.

— Vamos aprendendo uns com os outros, meu caro João, e, danossa conversa nunca poderá vir mal ao mundo.

— É verdade. Graças a Deus, nós não somos daqueles que vêm praqui retalhar a fama do próximo, e se alguma coisa dizemos dos outros, é tudo verdade e não é para lhes causar prejuízo, nem para falar à caridade.

— Eu também não admito aqui que se enxovalhe a vida alheia. Sabes, João, aquele que fala dos outros, revelando defeitos que eles não têm, é um caluniador. Quase sempre a calúnia não tem remédio possível. O caluniador, por mais que faça, ainda que desdiga tudo quanto disse, raras vezes consegue reparar o mal que fez, porque, se há pessoas que acreditam na reparação, há outras que ficam sempre na dúvida e a pensar quando é que ele falará verdade.

— E quando se diz mal, mas com verdade, também será mau?

— Se é mau... é sempre uma grande falta de caridade. Nós não somos juizes uns dos outros. Se nos fazemos mal, temos o direito de nos

defendermos, mas o que não temos é o direito de andarmos a fazer reclame dos defeitos alheios, porque nós também temos defeitos, e se não queremos que nos publiquem os nossos, também não devemos publicar os dos outros.

— Pois olhe, senhor Torcato, é o que mais se vê por esse mundo fora. Principalmente no mundo das mulheres. Passam a vida a falar nos outros. Não são todas, mas são muitas.

...Ele é no caminho da fonte, ele é no lavadouro, ele é aos soalheiros, nos sacos do milho, no no caminho da praça, nas camionetas, etc. E às vezes, os ditos provocam desordem e dão que fazer aos médicos e aos advogados, como está a acontecer com a pobre mulher do Tomaz, que está no hospital com uma carga de pancada que lhe deu a mulher do Fagulha. E isto tudo por causa dos ditos.

— Então como foi isso?

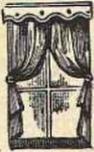
— Foram dizer à mulher do Fagulha que a mulher do Tomaz tinha dito que ela era uma bêbeda. Esta, encontrou a outra no caminho da fonte e tirou despique. A pobre mulher do Tomaz, apertou os mãos na cabeça, e começou a dizer que nunca tinha dito nada. Mas a outra, atira-lhe com o cântaro à cabeça e deixou a pobre mulher sem sentidos. Agora a mulher do Tomaz vai para o tribunal, a mulher do Fagulha vai para a cadeia e a outra lá está no hospital. E tudo por causa da murmuração e da calúnia.

— Tens razão, rapaz. Cristo bem disse. «Não julgues para não seres julgado», mas, nem todos O querem ouvir.

— Ó senhor Torcato, agradeço-lhe este migalho de cavaco, e despeço-me até à próxima.

— Vai lá com Deus, João.

JANELA ABERTA



MENINA DOLORES — AQUELE ANJO BOM!...

Com os seus quinze anos, Dolores tinha já as suas despesas.

A mãe, quando ela partiu para as aulas, entregara-lhe dez escudos, dizendo: — Aqui tens os teus dez escudos, filha!... Querias dar-te mais, mas não possol... Com três filhos a estudar, tanto eu como o teu pai somos obrigados a fazer economias!...

— Dez escudos chegam bem, mãezinha!...

— Sim, para o autocarro e para um copo de leite, no intervalo das 16 horas!...

— E... ainda para outras coisas!...

— Eu sei, filha!... Também fui rapariga e olha que há bem pouco tempo ainda!... Mas não te privas do leite por causa de bugangas!...

Lembra-te do que te receitou o médico na semana passada!...

— Lembra... lembro!... — respondeu Dolores nada convicta — Descanso, bom alimento, e ar puro! Isso tenho eu!...

— Não brinques, menina!... Tens uma anemia e um foco congestivo num pulmão!...

Precisas desse tratamento, sabes? De baton é que tu não precisas!...

— Oh! mãezinha!... — interrompeu Dolores abraçando a mãe — Fique descansada!... O baton foi barato e é tão clarinho que... —

— Não serve para nada! — murmurou a boa senhora vendo a filha descer as escadas a cantarolar.

Dolores reflectia. Não, não desejava desobedecer à mãe a quem tanto queria. Mas... lá nas caturrices do médico não acreditava. Tomaria o leite, sim. Agora quanto ao resto!... Respirava ar puro, claro. Mas, afinal, diziam que estava poluído. Repousava. Fazia tudo menos... gastar os seus ricos dez escudos em pão torrado e no autocarro!

Subir a ladeira, vá... Mas descer, tendo tão boas pernas!... Querias juntar para umas argolas modernas, para uma mini-blusa, e uma carteira nova... Tanta coisa!... E ainda só tinha trinta escudos no mealheiro!

Evitando olhar as montras, a sua tentação, Dolores seguia a pé uma ladeira abaixo, nas traseiros de vários e feios edifícios, para encurtar caminho que não conhecia.

Numa reentrância escura ouviu uns gritos enrouquecidos que repetiam: — Tenham dó de mim!...

Aproximou-se a tremer de medo e foi ter a um rés-do-chão de uma velha casa, lúgubre e miserável. Parou interdita, pois não havia reparado em semelhante tugúrio. Da porta aberta anteviu um catre desalinhado de cujas roupas saíam dois braços esqueléticos e denegridos.

Aproximou-se mais, assustada, no receio que alguém sofresse naquele buraco. E viu na meia luz que vinha da rua, um rosto muito velho, cheio de rugas, com os lábios metidos para dentro e umas farripas de cabelos brancos emaranhados.

— Tenham dó!... Tremo de frio! Tenho fome!... — gemia a voz rouca.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou Dolores.

— Quero, quero!... Mas o quê? Não posso mastigar!... Quem me fala?

— Sou eu, a Dolores!

— É menina ainda, pois é?

— Tenho quinze anos!...

— Então é um anjo que o Senhor me envia! Não vejo quase nada!...

— Vou buscar-lhe mermelada e um bolo mole!... — disse a jovem fugindo daquela masmorra.

Daí a instantes regressava com o alimento prometido. E perguntou:

— Ninguém lhe vem trazer comida?

— Vem uma vizinha pobre como eu!... Eu entrego-lhe as esmolas que me dão em troca de um caldo. São tão poucas as esmolas!...

— E o médico?

— Para quê? Ninguém remenda uma carcassa!... Obrigadinha, meu anjo bom!... Nunca comi coisa tão boa!... Deixe-me beijá-la!...

Angustíada, Dolores aproximou a face fresca da boca da velhinha que, quando ela abriu, parecia um buraco negro.

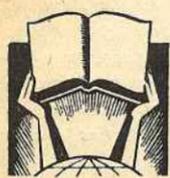
E faltou à primeira aula que tanta falta lhe fazia. Bebeu o leite sem o acompanhar com o bolo habitual. E à noite tinha apenas cinquenta centavos para guardar.

— Deixá-lo!... — murmurou — Passo bem sem as argolas e a velhinha não pode passar sem comer! Amanhã compro-lhe dois croquetes e pão de ló... Talvez lhe possa levar qualquer coisa do meu jantar!...

E Dolores esqueceu-se das argolas, do seu lanche e até do autocarro. Só não esqueceu a velhinha que a esperava ansiosamente e a recebia com o mesmo grito de alegria:

— Oh! meu anjo bom que o Senhor me enviou!...

MARIA ESPIÑAL



Vamos ler

... e formar a nossa biblioteca!

Sem leitura não é possível a promoção cultural. Ler — eis um imperativo do nosso tempo. Mas importa escolher o que se lê. As más leituras desorientam e envenenam. Com razão escreveu o escritor Francisco Costa: «dos maus livros se pode dizer o mesmo que dos cadáveres: se não forem sepultados a tempo empestam o ar necessá-aos vivos».

É por isso que, leitor amigo, mês a mês aqui vamos apresentando livros recentemente publicados e que são recomendáveis para a tua biblioteca.

A Editorial Perpétuo Socorro — Rua Dr. Alves da Veiga, 207 — Porto — acaba de lançar:

— «Sinal ou Contra-Sinal» — de Jean Couteau — Coleção «Novos Rumos», análise sobre Cristo e o Testemunho no amor e na liberdade;

— «Questões do Nosso Tempo» — I-II. Dois livros de Luís Evely (Coleção «Poliedro» que

apresenta a visão cristã dalguns problemas actuais;

— «Um Homem Novo» — Aceitar-se no dia-a-dia — da autoria de Boucher — (Coleção «Nova Cidade») — um livro que ajuda a «enfrentar com confiança, coragem e alegria» a aventura maravilhosa da vida.

ZÉ DA HORTA

Meus bons amigos:

Desejo que tenham passado uma páscoa feliz.

Já andávamos atarantados com a falta da chuva. As sementeiras estavam a atazar-se porque os terrenos estavam secos. Mas Deus é muito rico e, em poucos dias faturou-nos de chuva. Agora há que esperar uns dias para que os terrenos enxuguem e depois, mãos ao arado, ...ou ao tractor, porque isto de charrua é um trabalho muito va-

garoso e nós estamos mo tempo das velocidades.

Neste mês devem ficar prontas as sementeiras do milho, do feijão da trepa, dos melões e melancias, bem como as cavas das vinhas, se é que vale a pena cavá-las. O frio de Abril queimou por aí as vinhas quase todas.

Vai ser um ano de pouca pinga. Teremos que começar a beber cerveja.

Em todo o caso, para que no pró-

ximo ano seja possível ter algumas varas que dêem vinho, há que tratar com os produtos próprios as videiras, para que não se percam com o mildio. Também é conveniente tratar os batatais, por causa do mesmo mal e também para matar o escaravelho.

Planta-se bacelo, acaba-se a enxertia, preparam-se os motores para as regas e cortam-se as pastos para embarracar.

Julgo que já vai receita que chega para o mês de Maio.

Adeus,

Boa sorte é o que vos deseja o vosso amigo

ZÉ



POLÓNIA

O Governo comunista da Polónia concedeu autorização para serem construídas novas Igrejas Católicas em algumas partes do País. A Polónia é um País governado por comunistas, mas o seu Povo é um dos mais cristãos do Mundo. A perseguição só conseguiu dar maior força ainda à Igreja. Não tem falta de vocações sacerdotais, nem religiosas. E os que são Católicos são-no mesmo a sério.

O PAPA DÁ O EXEMPLO

Chile — Para socorrer os que não têm pão, o Papa Paulo VI enviou à Cáritas do Chile duas mil e oitocentas toneladas de farinha.

O Chefe da Igreja mostra assim que está atento aos problemas dos homens.

CINCO MINUTOS PARA OS INDIANOS COM FOME

Itália — Uma grupo de famílias italianas constituiu-se um grupo organizado. O fim a que se propõe é ajudar os lavradores duma região da Índia, onde não há água.

Para isso lançaram a campanha: «Cinco minutos por dia, para eles».

Pois já enviaram para a Índia o suficiente para construir um canal de irrigação. A Caridade ainda não morreu!

MORTO POR TER BAPTIZADO

O Padre Stephau Kurti foi executado há tempos por a pedido dos Pais ter baptizado uma criança. O Baptismo decorreu no maior segredo, mas alguém o denunciou às autoridades albanenses.

Todo o culto está proibido na Albânia, país que se proclama «primeiro Estado ateu do mundo». Padres e Bispos tiveram de se fazer mineiros.

E vêm estes homens para aqui pregar os direitos do homem!

FUMO E GRAVIDEZ

Sydney — O fumar durante a gravidez reduz o número de células cerebrais dos fetos, segundo revelaram três médicos que levaram a cabo uma sondagem a 4.922 nascituros num hospital desta cidade.

O PRÉMIO NOBEL DA RELIGIÃO

A Madre Teresa, que há muitos anos é conhecida em todo o Mundo pelo seu trabalho em Calcutá — Índia — a favor dos desprotegidos, vai receber um prémio de cerca de dois mil e duzentos contos, importância do chamado «Prémio Templeton», instituído por Jhon Templeton, de Nova Iorque, «para que faça pela Religião o que outros outros grandes prémios tem feito pela Ciência e pela Cultura».

Havia mais de duas mil candidaturas.

Madre Teresa declarou que não tem qualquer dificuldade em empregar em poucos dias aquela soma para aliviar a pobreza dos bairros de Calcutá.

JU VEN TU DE —73

PIAR DO ROUXINOL

Rouxinol porque choras?
Toda a noite te ouvi
Dormir não consegui
Acompanhei-te na tua dor
Mas porque choras afinal...?
Alguém te fez mal?
Perdeste o teu amor?...
Ó rouxinol não chores!
Eu sei que vale a pena
Mas porque te lastimas
Se ninguém te quer ouvir???

Eu compreendo-te!
Quanto daria
Para não compreender...
Eu sei o que isso é
Eu sei rouxinol
Eu também sei o que é sofrer!

SÃO

CONSTRUIR!

É muito mais nobre e construtivo acender uma luz que amaldiçoar as trevas. — Jesus não fez o catálogo das infelicidades mas viveu e pregou as Bem-aventuranças.

As lamúrias contra o mal, pouco resolvem.

O que seriam as mães junto de um campo de batalha!...

Quantas vidas ficariam por salvar.

Queremos um mundo melhor.

Que fizemos para que ele fosse melhor?

Queremos mais justiça, mais verdade, mais liberdade, mais amor.

E quantas vezes somos injustos, faltamos à verdade e somos escravos de paixões que degradam.

Antes de apregoar e de exigir seria melhor fazer e viver.

Carta aos JOVENS

Amigo:

Pemite-me que te conte uma experiência.

Estava dialogando com um grupo de jovens. Entre eles, encontrava-se uma moça de 16 anos, inteligente e perspicaz. É do campo. Tem tido poucos contactos sociais. É terreno virgem, apto a receber a boa ou a má semente que nele for lançada.

Os valores do cristianismo foram para ela uma descoberta cheia de novidade. Entusiasma-se com a ideia da fraternidade universal, resultante de todos os homens serem filhos de Deus. Pensando nesta encantadora verdade e nas suas consequências práticas, perguntou com muita sinceridade e franqueza: «Uma vez que todos somos irmãos,

porque é que existem tantas guerras?»

Esta pergunta fez-me estremecer o espírito, não por ser nova para mim, mas por ter brotado espontânea e cheia de sinceridade. Procurei explicar, dizendo que temos o direito de defender a nossa vida e os nossos bens. Mas as palavras saíram-me forçadas, como quem procura desculpar quem merece castigo.

É terrível verificar a existência de guerras. Terminou há dias, pelo menos oficialmente, uma das mais ferozes e destruidoras de todos os tempos. Mas os países ricos continuam a vender enormes quantidades de armas aos países pobres, avivando neles os instintos guerreiros, a pretexto de autodefesa. O Santo Padre tem entrado a fundo nos problemas da paz, embora muitos interpretem mal as suas palavras. É pena não ser ouvido!

Só haverá paz na medida em que o homem deixar de ser lobo o homem, para se converter em irmão dedicado do seu semelhante. Por este caminho encontra-se a justiça e com ela a paz que não é simplesmente a ausência de guerra, mas a presença da concórdia, da harmonia e do amor. É Cristo presente em cada ser humano. Esta paz cristã depende da vontade de cada um. Pouco adianta condenar a guerra se não se afastam as causas dela: a ganância, o egoísmo, o racismo, a injustiça...

Querido jovem: Sejamos promotores de paz e concórdia. Jesus chama bem-aventurados aos que fomentam a paz. A guerra afastar-se-á na medida em que o amor fraterno moldar o coração humano. Não se trata somente de guerra entre exércitos que se defrontam. Há «guerrilhas» familiares igualmente temíveis e desastrosas. O remédio é sempre o mesmo: Ama, se queres ser feliz; ama e tudo mudará... Experimenta e verás que é verdade. Mas sem ilusões nem atitudes infantis. Amemos como Cristo amou. O resto virá como por acréscimo. Não experimentes outro caminho, porque não tem saída, a não ser o abismo da desilusão. Se duvidas, escreve-me para: Hospital Infantil — Montemor-o-Novo. Em diálogo, melhor.

O amigo de sempre,

NUNO FILIPE

Filhos e Pais de mãos dadas

Veio parar-me às mãos, através do jornal «O Gaiato», uma carta que me fez meditar muito e tomar a decisão de a vir comentar aqui nas colunas do nosso periódico.

Essa carta é, afinal, um desafio, uma mensagem maravilhosa, para todos os jovens transviados, para aqueles que na vida rodeadas de todo o conforto, de todas as comodidades, dos maiores e mais perigosas facilidades, não são capazes de fazer nada de útil, nem de singrar nos estudos.

Um rapazinho de 18 anos a frequentar o 5.º ano liceal, entrou para a casa do gaiato, sem pai, e trazido dum lar de mais 7 irmãos. Tinha 2 anos, e cobria-lhe, a nudez apenas uma camisa.

E o que sucedeu depois? Nesse lar de rapazes da rua, pobres como ele de tudo até de amor, encontrou uma família, que, soube acolhê-lo e encaminhar os seus primeiros passos: que o soube amar.

Começou com a escola primária, donde conseguiu sair com 13 anos, um pouco atrasado, portanto.

Seguiu-se a Telescola terminada aos 16 e um sonho muito grande a nimbar-lhe a alma. Queria ser médico. Estava atrasado pois a vida até ali fôra de muita luta. Trabalha de mãos dadas com o estudo. Ele foi pedreiro, cavador, auxiliar doméstico, conheceu todas as tarefas que o endureceram para a vida como ele mesmo reconhece, na carta que me veio às mãos.

E o que sucedeu de válido nesta tarefa milagrosa de educar um garoto da rua que para mais não era deles?

Ele aí está, um homenzinho de 18 anos, no 5.º ano liceal, a caminhar de frente erguida, atrás dum sonho belo: ser médico! E há-de conseguir certamente.

Fez o 3.º e 4.º anos apenas num ano para ganhar tempo e continua a trabalhar pois que o tempo vale muito, quando bem aproveitado.

Jovens amigos, pensei em tan-

por Maria Alice F. Medeiros

tos de vós, que com 16, 18 e vinte anos, ainda nada fizestes de válido, que mereça a pena ser contado.

Sabeis com certeza todas as marcas de automóveis do mercado, conheceis os clubes de futebol e os seus ídolos, frequentastes todos os recintos de diversão, empobrecestes a vossa alma, em convivências perniciosas, entrastes no caminho dos vícios, a começar no cigarro tão nocivo à vossa saúde, e a acabar na droga, que hoje arruina e degrada tantos de vós.

E afinal, tinheis meios, desde um pai e uma mãe, a um lar, dinheiro, facilidades, bons colégios, explicadores caros, luxo, etc., etc. etc.

Então, porque será, que tantos de vós andam longe do bom, do verdadeiro, do único caminho, que poderia conduzir-

-vos ao êxito, ao triunfo, à felicidade? A vossa educação exige da vossa parte muito esforço e entusiasmo por um ideal e da parte dos pais muito amor muita renúncia, muito sacrifício.

Onde estão hoje pais à altura da juventude que o Senhor lhes entregou?

Queixam-se de vós e, afinal, eles fazem tão pouco para vos guiar.

Dão dinheiro, oferecem regalias a mais, e faltam com amor, com presença, com autoridade serena e firme quando vos vêm vacilar ou encetar um mau caminho.

Faltam com apoio humano, não sabem ou antes não querem diálogo convosco, porque entendem que o muito dinheiro resolve tudo.

Amigos e jovens leitores, pais de família, eu deixo à vossa meditação um excerto da carta do Júlio Leandro — o «gaiato» que quer ser (e será!) médico: «Amigos, eu endureci a trabalhar.

Só há um caminho pelo qual se pode conquistar o êxito, a felicidade relativa: é o do trabalho levado com amor, com entusiasmo, a par duma vida sábia. Já diziam os espartanos: «mens sana in corpore sano»

O que é preciso é querer. Desde que os jovens queiram, não há nada que os faça deter».

E os pais? Esses, e afinal todos os adultos da geração que preceda os jovens, têm de se actualizar, de saber viver no seu tempo. sob pena de serem uns estrangeiros na sua terra, e por tal perderem a corrida.

SER JOVEM

A mocidade não é um período da vida, é um estado de alma, um efeito da vontade, uma qualidade de imaginação, uma intenção emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor de conforto.

Não é velho aquele que viveu um certo número de anos; mas é velho o que abandonou o seu ideal. Os anos enrugam a pele, mas o renunciar ao ideal, enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que, lentamente, nos fazem inclinar para a terra e tornar-nos poeira, antes da morte.

Jovem é aquele que se admira e se maravilha. Pede, como a criança insaciável e depois desafia os factos e acha alegria ao jogo da vida.

Tu és tão novo como a tua fé. Tão velho como as tuas dúvidas.

Tão novo como a tua confiança em ti próprio. Tão novo como a tua esperança. Tão velho como a tua fraqueza.

Serás jovem enquanto sentires. Sentires o que é belo, bom e grande. Sentires as mensagens da natureza, do homem e do infinito.

GENERAL MAC ARTUR
1945

Na Semana das Vocações

Chamados a «renovar a vossa inteligência e a revestir-vos do homem novo, criado em conformidade com Deus na justiça e santidade verdadeiras» (Ef. 4, 23-24).

É comum a todos os homens a chamada à santidade: «Sede perfeitos como o vosso Pai do céu é perfeito». Esta a vocação fundamental: uma aspiração de progresso constante a caminho da perfeição. Aspiração esta que é busca de CRISTO, que condensa em si o ideal de perfeição humana, vivida em todos os sentidos. Não há caminho de aperfeiçoamento que não seja encontro com CRISTO.

Mas CRISTO não se limita a despertar no homem a ânsia de perfeição. São precisos os que, seguindo o seu estilo de vida, se entregam ao serviço da comunidade. Já no Antigo Testamento Deus chamara algum homem para formar e orientar comunidades (Abraão, Moisés, Profetas). CRISTO chama igualmente alguns a viverem mais de perto a sua entrega. «A uns constituiu Apóstolos, a outros profetas, a outros Evangelistas, Pastores ou doutores, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de CRISTO» (Ef. 4, 11 e seg.). Diversidade de dons, de chamamentos, uma única finalidade: o serviço de Deus nos irmãos — o viver para os outros, uma entrega total, seguindo o rasto de CRISTO: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em CRISTO JESUS... que se despojou a si mesmo, tomando a condição de servo... feito obediente até à morte...» (Fil. 2,5...)

A comunidade precisa, hoje como ontem, de elementos seus que se disponham a estar incondicionalmente ao seu serviço.

O apelo de CRISTO continua a fazer-se sentir, com insistência, no seio da comunidade cristã. Nunca, na vida da Igreja, faltou a generosidade para responder ao apelo de CRISTO.

E hoje, quem responde? Onde está a generosidade, o espírito de serviço, dos cristãos?

A Igreja continua. «Eu estarei convosco, todos os dias, até ao fim dos tempos».